

O que aconteceu com o urbanismo?

Texto de Rem Koolhaas [i]

Tradução:

Ana Luiza Nobre

Arquiteta, doutora em História pela PUC-Rio.

Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Contato: nobre@puc-rio.br

Esse século foi uma batalha perdida em relação ao problema da quantidade.

Apesar das suas promessas iniciais e da sua frequente bravura, o urbanismo foi incapaz de inventar e se cumprir na escala demandada por seus estudos demográficos apocalípticos. Em vinte anos, Lagos aumentou de 2 para 7, para 12, para 15 milhões de habitantes; Istambul dobrou de 6 para 12. A China prepara-se para números ainda mais chocantes.

Como explicar o paradoxo de que o urbanismo, como profissão, desapareceu no momento em que, por toda parte, a urbanização – depois de décadas de aceleração constante – está a caminho de promulgar um “trunfo” definitivo e global da condição urbana?

A promessa alquímica do modernismo – transformar quantidade em qualidade por meio da abstração e da repetição – foi um fracasso, um embuste: mágica que não deu certo. Suas ideias, sua estética, suas estratégias chegaram ao fim. Juntas, todas as tentativas de criar um novo começo apenas desacreditaram a *ideia* de um novo começo. Uma vergonha coletiva correspondente a esse fiasco criou uma enorme cratera na nossa compreensão de modernidade e modernização.

O que torna essa experiência desconcertante e (para os arquitetos) humilhante é a persistência desafiadora da cidade e seu aparente vigor, não obstante a falência coletiva de todas as agências que operam sobre ela ou tentam influenciá-la criativamente, logisticamente, politicamente.

Os profissionais da cidade são como jogadores de xadrez que perdem para computadores. Um perverso piloto automático constantemente passa a perna em todas as tentativas de apreender a cidade, esgota as ambições de defini-la, ridiculariza as afirmações mais apaixonadas quanto à sua falência atual e sua impossibilidade futura, a conduz implacavelmente além no seu voo à frente. Cada desastre profetizado é de algum modo absorvido pela infinita anulação do urbano.

Mesmo que a apoteose da urbanização seja óbvia e matematicamente inevitável, uma corrente de retaguarda, ações escapistas e posições adia o momento final de avaliação das duas profissões inicialmente mais implicadas com a criação de cidades: arquitetura e urbanismo. A urbanização difusa modificou a própria condição urbana, tornando-a irreconhecível. “A” cidade não existe mais. Enquanto o conceito de cidade é distorcido

e tensionado como nunca antes, toda insistência em sua condição primordial – em termos de imagens, regras, fabricações – conduz irrevogavelmente, via nostalgia, à irrelevância.

Para os urbanistas, a redescoberta atrasada da cidade clássica, no momento da sua impossibilidade definitiva, pode ter sido o ponto de não retorno, momento fatal de desconexão, desqualificação. Eles são agora especialistas em dor fantasmática: médicos discutindo as complicações de um membro amputado.

A transição da antiga posição de poder para um estado de humildade relativa é difícil. A insatisfação com a cidade contemporânea não levou ao desenvolvimento de alternativas verossímeis. Ao contrário, apenas inspirou modos mais refinados de articular a insatisfação. Uma profissão persiste nas suas fantasias, sua ideologia, sua pretensão, suas ilusões de envolvimento e controle e, como tal, é incapaz de conceber novas reservas, intervenções parciais, realinhamentos estratégicos, posições conciliatórias que podem influenciar, redirecionar, ter êxito limitado, reagrupar, até começar a riscar, mas nunca restabelecer o controle. Pelo fato de a geração de maio de 1968 (a geração pega no “narcisismo coletivo de uma bolha demográfica”) estar finalmente no poder, é tentador pensar que ela é responsável pela morte do urbanismo – o estado de coisas em que as cidades não podem mais ser feitas – paradoxalmente *porque* ela redescobriu e reinventou a cidade.

Sous le pavé, la plage (sob o calçamento, a praia): inicialmente, maio de 1968 lançou a ideia de um novo começo para a cidade. Desde então, estivemos engajados em duas operações paralelas: documentar nossa admiração pela cidade existente, desenvolvendo filosofias, projetos, protótipos para uma cidade

preservada e reconstituída e, ao mesmo tempo, rir do campo do urbanismo, destruindo-o com nosso desprezo por aqueles que planejaram (cometendo muitos erros) aeroportos, new towns, cidades satélites, elevados, torres, infraestruturas e todas as outras precipitações da modernização. Depois de sabotar o urbanismo, nós o ridicularizamos até fechar departamentos universitários inteiros, levar escritórios à falência, incendiar ou privatizar burocracias. Nossa “sofisticação” esconde grandes sintomas de covardia centrados na simples tomada de posição – talvez a ação mais primordialmente ligada à cidade. Somos simultaneamente dogmáticos e evasivos. Nossa sabedoria amalgamada pode ser facilmente caricaturada: de acordo com Derrida não podemos ser o *Todo*, de acordo com Baudrillard não podemos ser o *Real*, de acordo com Virilio não podemos ser o *Aí*.

“Exilados para o Mundo Virtual”: enredo para um filme de terror.

Nossa relação atual com a “crise” da cidade é profundamente ambígua: ainda culpamos outros por uma situação pela qual tanto nosso utopismo incurável quanto nosso desprezo são responsáveis. Por meio da nossa relação hipocrítica com o poder – desdenhosa, porém cobiçosa –, nós destruímos uma disciplina inteira, rompemos com o operacional e condenamos populações inteiras à impossibilidade de codificar civilizações em seu território – o tema do urbanismo.

Agora ficamos com um mundo sem urbanismo, apenas com arquitetura, sempre mais arquitetura. A elegância da arquitetura é sua sedução; ela define, exclui, limita, separa do “resto”, mas também consome. Ela explora e exaure os potenciais que podem ser gerados somente pelo urbanismo e que somente a imaginação específica do urbanismo pode inventar e renovar.

A morte do urbanismo – nosso refúgio na segurança parasítica da arquitetura – cria um desastre imaneente: mais e mais substância é enxertada em raízes famélicas.

Nos nossos momentos mais permissivos, nós nos rendemos à estética do caos – “nosso” caos. Mas, no sentido técnico, caos é o que acontece quando nada acontece, não é algo que pode ser criado pela engenharia ou acalentado. É algo que se infiltra, que não pode ser fabricado. A única relação legítima que os arquitetos podem ter com o caos é tomar seu lugar no exército daqueles devotados a resistir a ele, e falhar.

Se existe um “novo urbanismo”, ele não será baseado nas fantasias gêmeas da ordem e da onipotência; ele será o estado de incerteza; ele não estará mais preocupado com o arranjo de objetos mais ou menos permanentes, mas com a irrigação de territórios com potencial; não terá mais como alvo configurações estáveis, mas a criação de campos capazes de acomodar processos que se negam a cristalizar-se em formas definitivas; não será mais sobre definições meticulosas, imposição de limites, sobre separar e identificar entidades, mas sobre descobrir híbridos inomináveis; não será mais obcecado pela cidade, mas pela manipulação de infraestrutura para intensificações e diversificações infinitas, atalhos e redistribuições – a reinvenção do espaço psicológico. Como o urbano agora é difuso, o urbanismo nunca mais será sobre o “novo”, somente sobre o “mais” e o “modificado”. Ele não será sobre o civilizado, mas sobre o subdesenvolvimento. Como está fora do nosso controle, o urbano está prestes a se tornar o vetor máximo da imaginação. Redefinido, o urbanismo não será mais, ou mais que tudo, uma profissão, mas um modo de pensar, uma ideologia: aceitar o que existe. Nós estávamos fazendo castelos de areia. Agora nadamos no mar que os varreu para longe.

Para sobreviver, o urbanismo terá que imaginar um novo Novo. Liberado de suas tarefas atávicas, o urbanismo redefinido como modo de operar sobre o inevitável irá atacar a arquitetura, invadir suas trincheiras, afastá-la de seus bastiões, minar suas certezas, explodir seus limites, ridicularizar suas preocupações com matéria e substância, destruir suas tradições, desmascarar seus profissionais.

O que parece ser a falência do urbano oferece uma oportunidade excepcional, um pretexto para a frivolidade nietzschiana. Temos que imaginar 1001 outros conceitos de cidade; temos que assumir riscos insanos; temos que ousar ser totalmente acríticos; temos que engolir fundo e conceder perdão a torto e a direito. A certeza da falência deve ser o nosso gás/oxigênio a nos provocar riso; a modernização nossa droga mais potente. Como não somos responsáveis, temos que nos tornar irresponsáveis. Numa paisagem de crescente utilitarismo e impermanência, o urbanismo não é mais, nem tem que ser, a mais solene das nossas decisões; o urbanismo pode se tornar mais leve, uma *Gay Science – Lite Urbanism*.

E se nós simplesmente declararmos que não *há* crise? Redefinirmos nossa relação com a cidade não como criadores, mas como meros sujeitos, como seu esteio?

Mais do que nunca, a cidade é tudo o que temos.

1994

[i] KOOLHAAS, Rem. What ever happened to urbanism? In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. *S,M,L,XL*. New York: Monacelli Press, 1995. p. 959-971. Tradução de Ana Luiza Nobre.

